

A “Gramática Popular” no contexto da gramática portuguesa do século XIX¹

The “Gramática Popular” in the context of the 19th century portuguese grammar

Maria Filomena Gonçalves*

RESUMO

Nas últimas décadas, tem vindo a ser compulsado o “corpus fundamental” das obras gramaticais (por ex. GONÇALVES, 1998). Apesar disso, não são poucos os textos relegados para uma “historiografia menor” da gramática portuguesa. É o que acontece com várias obras do subgénero “gramática escolar”. Publicados em coleções como a *Bibliotheca Popular* (1871) ou a *Bibliotheca do Povo e das Escolas* (1882), alguns desses textos assumem o carácter de “gramática popular”. A partir de um “estado da questão” sobre a gramática escolar no último quartel do século XIX, neste artigo analisam-se, em especial, as “gramáticas populares” como textos metalinguísticos que apresentam características estruturais, conceptuais, terminológicas e discursivas sintonizadas com o objetivo de levar ao grande público um conhecimento acessível e atualizado.

Palavras-chave: gramática popular; gramática escolar; português; língua materna.

Articulista convidado

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.501>

*Universidade de Évora/ECS-DLL (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS-UÉ (FCT, Projeto UIDB/00057/20); mfg@uevora.pt, orcid.org/0000-0001-8262-6514

1 Versão longa do trabalho intitulado “Gramática escolar e gramática popular no último quartel do século XIX: subsídios para uma historiografia do ensino da língua portuguesa”, publicado em *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics*, XXV, 2020, p. 29-41 Disponível em: <https://ojs.uv.es/index.php/qfilologia/article/view/19066/16839>.

ABSTRACT

In these last decades, scholars have been examining the “fundamental corpus” of grammar publications (e.g., GONÇALVES; 1998). As a result, quite a few texts that concentrated on a “minor historiography” of the Portuguese language were produced, as in the case of many publications on the subcategory known as “college grammars” which were included in works such as the *Bibliotheca Popular* (1871) or the *Bibliotheca do Povo e das Escolas* (1882). Some of these texts can be categorized as “gramática popular”. Using as a springboard a discussion on the “state of the art” on college grammars in the last quarter of the 19th century, in this paper we pay particular attention to two “gramáticas populares” since they are metalinguistic texts with structural, conceptual, terminological, and discursive characteristics that aim at reaching a wider public, thus providing an accessible and actualized knowledge.

Keywords: “gramática popular”; college grammar; Portuguese; native language.

Preâmbulo

Neste artigo analisam-se dois exemplos de “gramática popular” no contexto da produção gramatical do século XIX. Com esta denominação distinguem-se as obras gramaticais publicadas em coleções destinadas à vulgarização do conhecimento científico, técnico, prático e humanístico, cujos principais destinatários eram as classes sociais menos escolarizadas ou menos instruídas. Dadas as suas características, a “gramática popular” pode incluir-se na produção de materiais pedagógico-didáticos, vale dizer, na “gramática escolar” (GONÇALVES, 2012). Contudo, por integrar um projeto editorial com objetivos próprios e por obedecer a certos requisitos da coleção, a “gramática popular” deve ser encarada em função do seu particular contexto de produção. Assim, o propósito deste estudo é duplo: por um lado, trazer para o âmbito historiográfico algumas gramáticas desse género, posto que nem todas constam dos repertórios gramaticais (CARDOSO, 1994), nem aparecem mencionadas nos estudos da gramaticografia do século XIX (SANTOS, 2010); por outro, contextualizar essas obras não só nas coleções em que se incluem como também na produção escolar dessa centúria.

1. As coleções de vulgarização e instrução popular

Nas últimas décadas de Oitocentos registou-se, em Portugal, um movimento editorial que, além de responder a um mercado do livro em expansão, visava promover o acesso das classes menos letradas à instrução básica, à cultura e à ciência, contribuindo não só para alterar as estatísticas do analfabetismo no país – nos inícios do século, cerca da 90% da população portuguesa era analfabeta – mas também para a circulação, vulgarização e democratização do conhecimento (humanístico, científico e técnico), que até então, devido a fatores sociais, económicos e culturais, apenas eram acessíveis a uma elite intelectual (SANTOS, 1992; MATOS, 2000) ou a pessoas letradas, uma vez que as deficiências da rede escolar e o preço dos livros distanciavam os portugueses das operações básicas da literacia, a saber, ler, escrever e contar (BOTO, 2012).

Na sequência das reformas liberais do ensino (VALENTE, 1973) e da liberdade de expressão, por um lado, e das ideias positivistas, por outro, no mesmo período do século XIX ganha impulso o movimento de vulgarização cultural e de “propaganda da educação” (RIBEIRO, 1999, p. 190-191), que irá plasmar-se em diversos tipos de iniciativas, como a criação de bibliotecas populares, a partir de 1870, e a promoção de publicações destinadas a instruir “todas as classes” e “todas as intelligencias” (GRAMM. PORT., 1871). Este processo, que na verdade se vinha desenhando desde os meados do século XIX, será mais evidente no último quartel da centúria, o que poderá dever-se não só à repercussão política e social das estatísticas relativas ao analfabetismo como à influência das ideias positivistas e republicanas. Editores, livreiros e intelectuais abraçavam então, em geral, a causa da instrução popular como meio para “modernizar a sociedade portuguesa, a partir de dentro, para construir uma civilização burguesa, erguer um povo de cidadãos” (DOMINGOS, 1985, p. 15). Com o fito de cativar as franjas menos escolarizadas da sociedade portuguesa, surgem coleções populares, em pequeno formato, de fácil leitura, com livros mais baratos e repertórios

temáticos muito abrangentes e atrativos, com destaque para a *Bibliotheca Popular* e a *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. O diversificado espectro de conhecimentos literários, técnicos e científicos compilados nestas coleções populares torna-as fontes para a história da divulgação da ciência em Portugal (NUNES, 2001). Os opúsculos incluídos nessas coleções tratavam de matérias tão variadas como as seguintes: História, Literatura, Botânica, Geografia, Meteorologia, Aritmética, Agricultura, Higiene e Medicina Doméstica.

Ora, tanto a *Bibliotheca Popular* como a *Bibliotheca do Povo e das Escolas* incluem títulos relativos à língua portuguesa e, em concreto, à gramática, obras que constituem o objeto deste trabalho. Antes, porém, vale a pena situar essas duas gramáticas portuguesas no contexto das coleções em que vieram a lume e, ainda, na produção escolar do século XIX (SANTOS, 2010; GONÇALVES, 2012).

1.1. O contexto das gramáticas populares

Iniciada em 1870, a *Bibliotheca Popular* (Lisboa) visava pôr a “instrução ao alcance [sic] de todas as classes e de todas as intelligencias” (GRAMM. PORT., 1871, portada), motivo por que estava “dedicada ao povo portuguez por uma sociedade de homens de letras”.

Do ponto de vista físico, os opúsculos desta coleção distinguem-se por uma impressão de fraca qualidade, um formato de bolso e uma extensão reduzida (172 páginas máximo), permitindo que os editores (Lallemant Frères) os vendessem, no continente e nas ilhas, a preço mais reduzidos do que era habitual (100 réis). Em 1871, data em que a *Bibliotheca Popular* publica uma *Grammatica Portuguesa*, já tinham vindo a lume opúsculos relativos a “Direitos de deveres do cidadão”, “Economia Social”, “Vocabulario das verdades”, “Hygiene” e “Medicina Domestica”, temas cuja variedade traduz o propósito de vulgarizar conhecimentos entre os extratos mais baixos da população. É de referir que, de acordo com a política da coleção, na portada de cada opúsculo não consta o nome do autor.

Em 1881, surge a iniciativa editorial com mais repercussão e longevidade: a *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. Respondendo às bandeiras do positivismo, cujo paradigma científico se fundava na observação e na experiência direta, esta *Bibliotheca* pretendia democratizar o acesso a conhecimentos técnicos, científicos e humanísticos (NABO, 2012, p. 35-36), uma vez que a situação educativa em Portugal demandava ações urgentes com vista à instrução (formal e informal) das classes populares. Na verdade, a emergência, em Portugal, de coleções destinadas ao povo, explica-se à luz de um movimento europeu de “edições populares do século XIX ligadas a práticas de apropriação, produção e circulação de modelos culturais, materializados no livro impresso” (NABO, 2012, p. 92), cujos avanços técnicos, permitiram que funcionasse como “meio de difusão de discursos educativos e civilizadores”.

Levado pelo espírito de missão educadora, mas impelido igualmente por uma “estratégia comercial” (BONIFÁCIO, 2019, p. 313) que o levou a apostar em públicos menos letrados, David Corazzi (1845-1896), editor e fundador da Empresa Horas Românticas, cria a referida *Bibliotheca do Povo e das Escolas*². A coleção alinhava com projetos editoriais desenvolvidos em outros países – Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos –, então tomados como modelos de progresso civilizacional. Num estudo recente, Bonifácio (2019), baseado em características tipográficas e outras, veio demonstrar cabalmente que a Biblioteca del Popolo, publicada em Milão desde 1875, servira de modelo à coleção do editor Corazzi (BONIFÁCIO, 2019, p. 314) que, segundo Domingos (1985, p.76), constitui o “nosso primeiro episódio de livro popular de massas”. A missão social valeu-lhe vários galardões³ (NABO, 2012, p. 43), quer em Portugal, quer no estrangeiro.

2 Até 1913, saíram 237 números (BONIFÁCIO, 2019, p. 313).

3 De acordo com esta autora (NABO, 2012, p. 43), a Biblioteca do Povo e das Escolas recebeu o diploma de benemerita do *Circolo Promotore Partenopeo Giambattista Vico de Nápoles*, além da Medalha de Ouro na Exposição do Rio de Janeiro (1881) e na Exposição Universal de Paris (1889).

Como referido atrás, alguns opúsculos da coleção foram publicados anonimamente, conquanto seja possível identificar o autor ou coordenador das obras⁴. É o caso de Xavier da Cunha (ARANHA, 1911, p. 35), amigo de Corazzi, que foi diretor literário de vários números, entre eles o correspondente (nº 40) à *Grammatica Portugueza* (1882), publicada sem o nome do autor⁵. Na portada dos vários números da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*⁶, o editor anunciava o propósito e os destinatários da coleção: difundir “a instrução para portuguezes e brasileiros”. Assim, ao mesmo tempo que se propagava a ciência, contribuía-se para o progresso e a civilização dos povos lusofalantes de ambos os lados do Atlântico, já que Corazzi tinha uma filial no Rio de Janeiro (rua da Quitanda), o que lhe franqueava as portas do mercado brasileiro (VENÂNCIO, 2005).

À missão educativa, juntava-se, pois, uma apetecível oportunidade de negócio para o “fura-vidas dos editores portugueses” (RIBEIRO, 1999, p. 200). O pequeno formato e a extensão reduzida (máximo de 64 páginas por cada número) permitia baixar custos e embaratecer cada opúsculo (50 réis).

Segundo consta na portada, cada número era um

tratado elementar completo n’algum ramo de sciencias, artes ou industrias, um florilegio litterario, ou um aggregado de conhecimentos uteis e indispensaveis, expostos por forma sucinta e concisa, mas clara, desprentensiva, popular, ao alcance de todas as inteligencias. (Gramm. Port., 1882, portada).

Ora, para alcançar as massas populares e a pequena burguesia, pouco ou mal escolarizada, era preciso que o livro, até então produto de luxo e símbolo

4 Porém, alguns opúsculos consagrados a assuntos linguísticos mencionam o autor na portada, sendo o caso dos seguintes: *Lingua Portugueza* (1888), de António Maria Baptista; *Philologia* (1891), de António Paulino de Andrade; *Archaismos* (1892), de Joaquim Augusto Oliveira Mascarenhas.

5 Xavier da Cunha também publicou alguns números sob o pseudónimo de Olímpio de Freitas.

6 Foi impressa até 1913. A República tinha sido implantada três anos antes.

da cultura erudita, se popularizasse, conquistando públicos mais alargados e diferenciados, num processo de democratização do livro, como objeto cultural e veículo de saberes, que requeria “reconfigurações no sistema de produção e circulação editorial” (SANTOS, 1992, p. 540). Ao compendiar e sintetizarem várias matérias, estas coleções, como se observa nas duas em apreço, assumem uma dimensão enciclopédica.

1.2. A Gramática Portuguesa em coleções populares



Imagem 1. Portadas das gramáticas

À data da publicação de gramáticas na *Bibliotheca Popular* e na *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, já existia um acervo gramatical que serviu de referência aos autores daquelas, pelo que a inclusão de uma *Grammatica Portugueza* nas referidas coleções sugere que os materiais didáticos então disponíveis não respondiam às necessidades de quem não frequentasse contextos formais do ensino-aprendizagem da língua materna.

Com efeito, muitas das gramáticas produzidas na primeira metade do século XIX, por sintetizarem doutrinas e terminologias bebidas em várias fontes, em especial francesas (GONÇALVES, 2006, p. 2012), comportavam

um lastro teórico que, ademais de dificultar a leitura autónoma, requeria uma preparação prévia.

Condicionadas pela missão da coleção e pela extensão máxima de cada volume⁷, as gramáticas populares são, por isso, elementares, e orientadas, portanto, para a exposição de conceitos fundamentais, com pouca margem para o desenvolvimento teórico. A presença de tábuas exemplificativas da conjugação verbal traduz o cunho escolar e prático subjacente a estas obras. No entanto, como adiante se verá, as duas gramáticas populares em apreço são bem distintas: se numa (1871) primam pela ausência as remissões teóricas e as fontes, na outra (1882), pelo contrário, estas são declaradas e, em certos passos, são até confrontadas as definições de vários autores, o que se justifica pelo facto de esta gramática visar os conteúdos do “programma official dos exames d'instrucção primaria”.

É de realçar que tanto quanto se conseguiu apurar, a Biblioteca Popular não consagrou mais opúsculos à língua portuguesa, ao passo que a Biblioteca do Povo e das Escolas contempla outros temas linguísticos. Com efeito, entre 1882 e 1892, a referida *Bibliotheca* fez sair vários números dedicados à língua e à gramática portuguesa, à filologia, aos provérbios e aos arcaísmos portugueses, títulos que, por um lado, denotam as orientações da nova ciência “glotológica” (COELHO, 1868, 1870, 1871; VASCONCELOS, 1888) e, por outro, traduzem o interesse por aspetos estruturais da língua, de que são exemplo as unidades fraseológicas.

No que diz respeito à gramática portuguesa, a sua inclusão, quer na *Bibliotheca Popular*, quer na *Bibliotheca do Povo e das Escolas* justifica-se por uma tradição pedagógico-didática que, desde o “trivium” (Retórica, Dialética e Gramática), a consagrou como matéria-âncora do ensino (CARVALHO, 2011). Herança greco-latina, a gramática forneceu o artefacto conceptual,

7 Em sintonia com o formato da coleção, os caracteres eram pequenos e tirava-se partido das notas de pé de página, que aumentavam a densidade informativa. Por vezes, a mancha tipográfica era bastante compacta.

terminológico e taxonómico que, atravessando a Idade Média, veio depois a moldar as obras normativas/descriptivas dos vernáculos renascentistas, motivo por que, em coleções de cariz divulgativo e popularizante como as aqui referidas, tinham pleno cabimento uns rudimentos gramaticais, porquanto a estes se concedia um papel crucial no estudo da língua materna.

Devido às reformas do ensino desde o período liberal (VALENTE, 1973), eram muitas as obras que procuravam responder às necessidades dos programas de ensino e de vários tipos de público⁸, pelo que às gramáticas populares estaria reservado, à partida, um papel diferente.

2. A *Grammatica Portugueza* nas coleções populares

Publicada em 1871, a gramática portuguesa da *Bibliotheca Popular* é um opúsculo com 172 páginas, tendo uma extensão superior à da coleção *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, que veio a lume onze anos depois (GRAMM. PORT., 1882). Sem prólogo ou nota prévia dedicada ao leitor, ao contrário da obra de 1882, a de 1871 não apresenta notas de rodapé que aduzam complementos informativos.

No entanto, a *Grammatica Portugueza* (1871) inclui uma componente prática (aspeto em comum com a de 1882) que consiste na apresentação de modelos de “analyse grammatical” e “analyse logica” (GRAMM. PORT., 1871, p. 105-109), e de trechos autorizados (i.e. literários) para servirem de “exercícios grammaticaes”. Além de Camões, Manuel Bernardes, Sá de Miranda e António Vieira, existem excertos de obras dos seguintes autores: dos neoclássicos Filinto Elísio, Nicolau Tolentino e Bocage; de Almeida Garrett e Alexandre Herculano, representantes da geração romântica; de Castilho, Mendes Leal, Latino Coelho, José Silvestre Ribeiro e Lopes de

8 De acordo com o repertório compulsado por Cardoso (1994, p. 289-291), entre 1880 e 1882 (data da *Grammatica Portugueza* da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*) vieram a lume, em Portugal, pelo menos 10 gramáticas da língua portuguesa.

Mendonça. No elenco encontram-se, portanto, escritores contemporâneos do autor (anónimo) da gramática da Biblioteca Popular, tomados como bons cultores da língua materna, a cujo exemplo deveriam ser expostos os leitores da coleção popular.

Quanto ao conteúdo, o carácter elementar da obra revela-se, desde logo, no índice das matérias, reproduzido no quadro abaixo.

Quadro 1. Matérias contidas na *Grammatica Portugueza* (1871)

Introdução	
Primeira Parte – Etymologia	Cap. I - Dos nomes e adjectivos - Do nome - Formação do plural dos nomes - Do adjectivo - Gráus de qualificação dos adjectivos - Do artigo - Do pronome Cap.II - Do verbo [...] Cap.III - Da preposição - Do adverbio - Da conjunção - Da interjeição
Segunda Parte – Syntaxe	Da oração Cap. I - Syntaxe de concordancia - Syntaxe de regencia - Dos complementos - Additamentos ás preposições Cap. II - Da syntaxe regular das orações - Do periodo Cap. III - Da construcção das palavras e orações Cap.IV - Das figuras - Da Syntaxe figurada - Dos vicios da oração - Analyse grammatical - Analyse logica - Modelo de analyse

continua

Terceira Parte – Prosodia	<ul style="list-style-type: none"> - Da pronuncia - Da accentuação - Da quantidade
Quarta Parte – Orthographia	<p>Cap. I - Da escripturação das palavras</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vogaes e dipthongos - Das consoantes - Consoantes dobradas - Uso das letras maiusculas <p>Cap. II - Da pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Modo de usar a pontuação - Da metrificação portugueza - Varias especies de versos - Varios trechos da lingoa portugueza

A terminologia denota a filiação conservadora desta *Grammatica Portugueza* (1871). Num período em que as mudanças epistemológicas subjacentes ao método histórico-comparativo (GONÇALVES, 2004), então em fase de expansão em Portugal – *A Lingua portugueza. Phonologia, Morphologia, Syntaxe*, obra pioneira de F. Adolfo Coelho, viera a lume em 1868 –, e em que as novidades metodológicas começavam a entrar na gramática escolar (DIAS, 1870; GONÇALVES, 2013), quer o índice das matérias, quer o tratamento destas revelam a persistência de uma estrutura quadripartida (“Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthographia”, GRAMM. PORT., 1871, p. 5) que, baseada no antigo molde greco-romano, enformou as obras portuguesas até ao século XVIII e parte do seguinte, se bem que várias gramáticas, entre elas a primeira a ser oficializada para o ensino do português⁹ – a *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* (1770) de Reis

9 Após a proibição dos manuais escolares dos Jesuítas, o marquês de Pombal indicou-a, em Alvará régio, como instrumento didático para o estudo da língua materna, o que equivalia a promover esta obra como gramática oficial.

Lobato¹⁰ –, adotassem esquemas bipartidos¹¹, dispensando a ortografia, como depois faziam as chamadas gramáticas científicas¹² (GONÇALVES, 2012). Algumas das divisões bipartidas denotavam a receção da doutrina filosófica, já que no artigo enciclopédico dedicado à “grammaire”, elaborado por Beauzée (SCHÄFER-PRIESS, 2019, p. 125-134), esta se dividia em “orthologie” e “orthographie” (BEAUZÉE, 1765, p. 841-847).

Ora, na gramática portuguesa da Biblioteca Popular o sistema é o mais clássico (quadripartido). Como não existe qualquer nota introdutória que aponte os pressupostos da obra ou as suas fontes, a linhagem doutrinal apenas pode ser apurada a partir dos termos e da sua definição conceptual. Deles se transcreve uma amostra no quadro a seguir.

Quadro 2. Termos e definições na *Grammatica portugueza* (1871)

<i>Grammatica portugueza da Biblioteca Popular</i>	
Grammatica	é a disciplina que ensina a fallar e a escrever correctamente a Lingua portugueza.
	A Grammatica divide-se em geral e particular. Em geral trata dos principios geraes e communs a todas as linguas; em particular ensina a fallar e escrever correctamente ua só lingua
Etymologia	ensina analyticamente a origem e as diversas classes de palavras que constituem uma lingua.

10 Este gramático reparte as matérias gramaticais em duas partes (Etimologia e Sintaxe), trata dos aspetos relativos à “prosódia” no “proemio” (LOBATO, 1770, p. 2-7) e exclui a ortografia. Contudo, em reimpressões posteriores, à obra de Lobato foi acrescentada uma parte referente à ortografia.

11 É o caso de Sousa (1804), cuja gramática, dividida em “ortologia” e “ortografia”, acusa inequivocamente a receção daquele autor francês; outros gramáticos portugueses e também brasileiros repartem as suas obras em “lexeologia” e “sintaxe” (GONÇALVES, 2012).

12 Sobre a gramática científica no Brasil, vejam-se, entre outros, Cavaliere (2000) e Fávero e Molina (2007).

Syntaxe	trata da construcção das palavras com as quaes se compõem as orações, os periodos e o discurso.
Prosodia	ensina a accentuação das syllabas, e a conhecer e distinguir os sons fundamentaes das palavras, para bem as pronunciar.
Orthographia	estabelece as regras para escrever correctamente as palavras, e para usar convenientemente da pontuação.
Linguagem	é o modo por que manifestamos os pensamentos por meio de palavras.
Lingua ou idioma	é a reunião de palavras e phrases que formam a linguagem de uma nação.
Palavra	É a combinação de sons articulados da voz humana.

Ao distinguir uma gramática geral de uma gramática particular, o anónimo autor do opúsculo enraíza a doutrina da obra na chamada gramática racionalista, entre nós conhecida como “filosófica”, porquanto tais conceitos se ancoram no logicismo de Port-Royal (século XVII) e nos desenvolvimentos que a teoria linguística subjacente à gramática geral registou no século seguinte (SWIGGERS, 1997; DUARTE; PONCE DE LEÓN, 2015). Aquelles conceitos ficam plasmados nas gramáticas gerais de vários autores – por ex, na de Beauzée (1717-1789), publicada em 1767 – mas também em artigos assinados por este e outros gramáticos na *Encyclopédie* (1751-1772), de Diderot e D'Alembert, obra na qual se compendiava, hierarquizava e classificava o conhecimento daquele tempo. Se as noções introdutórias já denunciavam a esteira filosófica em que a pequena gramática portuguesa de 1871 se situava, essa filiação é ainda mais notória nos capítulos consagrados à “syntaxe de regencia” e à “Construcção das palavras e orações” (GRAMM. PORT., 1871, p. 77-94), em particular quando trata dos complementos, uma vez que a teoria sintáctica em torno da frase se elabora e se instrumentaliza, como é bem sabido, precisamente ao longo do século XVIII (CHEVALIER, 1979, [1968]2006; CHERVEL, 1979; SÉGUIN, 1993). Os complementos referidos e definidos sumariamente na *Grammatica Portugueza* (1871, p. 77-78, p. 95-96) alinham com os expostos

por Soares Barbosa¹³ (1822, p. 395-396): “complementos objectivos, terminativos, restrictivos e circumstanciaes”. É igualmente no capítulo da sintaxe, em particular na classificação das orações (as “principais” e as “não principais”, vale dizer, subordinadas) que se observa um cunho renovador nesta gramática, pois, distanciando-se de Barbosa (1822), adota o seguinte esquema classificativo: por um lado, as copulativas, disjuntivas, adversativas, conclusivas, explicativas, comparativas, correlativas; por outro, as condicionais, causais, concessivas e circunstanciais e, ainda, as incidentes e integrantes.

Por sua vez, a *Grammatica Portugueza* (1882) saiu no volume 40 da Biblioteca do Povo e das Escolas. Embora não figure o nome na folha de rosto, é da autoria do eborense Xavier da Cunha¹⁴ (1840-1920), que dirigia a coleção criada por Corazzi. Em sintonia com os objetivos da coleção, o volume dedicado à gramática foi pensado para um público concreto – os alunos que, concluído o ensino primário, iriam fazer exame de admissão aos liceus – e, por isso na portada se declara que a obra segue as “instruções regulamentares, aprovadas pela Portaria de 9 de março de 1872 para os exames de admissão nos Lyceus Nacionaes”. Importa realçar que o programa desse exame incluía assuntos que iam do simples conceito de gramática, em linha com a tradição, até a elementos de morfologia e sintaxe, mas também de semântica e estilística (nestas duas se incluía a chamada “syntaxe figurada”).

O programa abrangia, pois, conteúdos de vários âmbitos da tradição gramatical, mas conferia certa autonomia a aspetos que anteriormente cabiam na sintaxe, como é o caso do ponto relativo ao “sentido: explicação

13 A sua *Grammatica Philosophica* foi reimpressa até 1881 (COELHO; KEMMLER, 2017, p. 29-30), altura em que, no resto da Europa, o método “científico” (GONÇALVES, 2013) já substituíra a abordagem logicista da linguagem e das línguas.

14 Médico por formação, foi também escritor, poeta, bibliógrafo e diretor da Biblioteca Nacional (ARANHA, 1911, p. 31-49), perfil intelectual que explica o seu interesse por assuntos relativos à língua portuguesa.

das palavras e frases”, ainda que esta matéria fosse tratada na “analyse”. A partir deste termo/conceito, que remonta ao século XVIII – veja-se o artigo de Beauzée, na *Encyclopédie méthodique* (1782, p. 183-184) – e se filia no logicismo gramatical, desenvolvem-se duas tendências nas gramáticas: a “categorial descendente” (Lauwers, 2008), que divide as proposições em segmentos semântico-lógicos, e a “categorial ascendente”, que centra a sintaxe nas partes do discurso.

Assim, o programa de 1872 é manifestamente conservador, visto incluir termos/conceitos (“analyse”, “sintaxe regular”, “atributo”) que se vinculam ao modelo genericamente denominado como “gramática filosófica”, a qual assume, no século XIX, uma feição “ideológica” (*idéologie*)¹⁵. Como adiante veremos, a opção pelo método de A. Epifânio da Silva Dias contradiz a linha teórica patente no referido Programa, situação que não é invulgar em obras cujos autores procuram adaptar-se aos ditames oficiais, ao mesmo tempo que tentam assimilar teorias novas.

15 O termo foi cunhado pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1754-1836). A “ideologia” concebia a gramática em função de uma teoria geral da linguagem que se funda na lógica (“ideias”).

Quadro 3. A gramática no Programa dos Liceus

<p>I. Definição de grammatica</p> <p>II. Palavras. Decomposição das palavras. Palavras variaveis e invariaveis.</p> <p>III. Palavras variaveis</p> <p> 1º Substantivo: proprio, comum e collectivo</p> <p> 2º Pronome.</p> <p> 3º Adjectivo: qualitativo e determinativo.</p> <p>Numero, género e graus de comparação.</p> <p> 4º Verbo transitivo e intransitivo; regular e irregular.</p> <p> a) Conjugações dos verbos regulares.</p> <p> b) Conjugações dos verbos – ser. Ter, haver, estar, dizer, fazer, poder, pôr, saber, trazer, valer, ir, vir.</p> <p>- IV. Palavras invariaveis. Conhecimento práctico das preposições, conjunções, advérbios e interjeições.</p> <p>- V. Discurso, período, e oração.</p> <p> a) Oração absoluta e orações complementares.</p> <p> b) Elementos da oração: sujeito, verbo, attributo e complementos.</p>	<p>- VI. Syntaxe regular. Regras principaes de concordancia do sujeito com o verbo, do adjectivo com o substantivo.</p> <p>- VII. Analyse.</p> <p> a) Do sentido: explicação das palavras e frases.</p> <p> b) Da Syntaxe.</p> <p> c) Orações absolutas e complementares.</p> <p> d) Elementos da oração: sujeito, verbo, attributo e complementos.</p> <p>- VIII. Syntaxe figurada – ellipse e syllepse.</p> <p>- IX. Vicios de linguagem.</p>
---	---

Por outro lado, o autor do opúsculo em apreço declara que o programa foi “ampliado e consideravelmente mais desenvolvido em pontos de capital importancia afim de poder tambem ser proveitosamente consultado pelos alunos que nos Lyceus Nacionaes frequentam o curso de Lingua Portuguesa”. Ora, ao confirmar o subtítulo do opúsculo (“redigida ante o programma official dos exames d’instrucção primaria”), esta “Advertência” visa inscrever os conteúdos gramaticais no contexto institucional vigente¹⁶, muito embora seja evidente a discrepância entre o modelo praticado pelo autor e aquele que

16 O quadro legal para o ensino constava no decreto de 22 de outubro de 1870, no qual entre outras disposições se previa a reforma dos liceus, criados no período liberal, em 1836, por Passos Manuel.

presidira à Portaria de 1872. Na “prevenção oportuna” que abre a gramática propriamente dita, o autor enuncia um corte entre a metodologia adotada no opúsculo e a praticada nas escolas, já que estas privilegiavam a memorização de “definições para inconscientemente decorar” (GRAMM. PORT., 1882, p. 1). Para alterar essa prática, o conteúdo do opúsculo deveria ser “meditado e entendido, – nunca para ser materialmente decorado”, divergindo, portanto, do

systema pedagogico infelizmente vulgarizado em grande numero das nossas aulas de instrucção primaria, systema que parece exclusivamente fundado no desejo de tornar idiotas os educandos (estafando-lhes a memoria com o improbo decorar dos compêndios) ou na mira de arvorar igualmente censurável de arvorar em pedantes aquelles cuja intellectualidade mais robusta saiba resistir a tão inquisitorial tormento, outro é o lemma da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. Quem d'elle não gostar, passe adeante (GRAMM. PORT., 1882, p. 1-2).

O ensino privilegiava, de facto, mais a “leitura colectiva, a apreensão auditiva e a memorização do conteúdo” (RIBEIRO, 1999, p.190-191) do que a compreensão, sobretudo em “grupos sociais fora dos círculos letrados”, o que evidentemente não favorecia nem a aquisição de conhecimentos nem o sucesso escolar. Na “advertência oportuna”, o autor prevenia o leitor a respeito do método, aspeto com óbvia repercussão nas questões pedagógicas e didáticas envolvidas no ensino da gramática da língua materna, e menciona, já nos “Prolegómenos”, as obras que constituem o seu “horizonte de retrospecção” (i.e. o conjunto de referências teóricas disponíveis). Neste texto preambular, o autor aponta as discrepância teóricas entre as gramáticas então existentes, motivadas por “diversos pontos-de-vista [...] em harmonia com os fins a que especialmente se destina, dentro sempre todavia do seu campo privativo” (GRAMM. PORT., 1882, p. 4). Com efeito, as definições apresentadas nos Prolegómenos revelam as perspetivas confrontadas pelo autor para elaborar o opúsculo.

Quadro 4. Definições na *Grammatica portugueza* (1882)

<i>Grammatica</i> conjunto de leis e preceitos, a que practicamente deve obedecer quem se propõe falar ou escrever bem em erros.
<i>Grammatica comparada ou philosophica</i> - Atendendo a que só pela comparação dos elementos comuns ás diversas línguas poderemos estabelecer e unificar os princípios geraes a que todas obedeçam, - conclusão, a que não será licito chegar senão pela sabia aplicação de processos philosophicos, com cujo auxilio, abstrahindo do que é individualmente peculiar em cada idioma, se averiguem apenas os meios geraes de que todos os povos têm lançado mão e feito uso, já para exprimir por palavras seu pensamento, já para graficamente pintál-o.
<i>Grammatica geral</i> se denomina quando apenas trata dos princípios fundamentaes, comuns a todos os idiomas.
<i>Grammatica particular</i> occupa-se apenas de nos dar a conhecer as leis, preceitos e idiotismos de uma língua em especial.
<i>Grammatica portugueza</i> - Disciplina que ensina a falar e a escrever correctamente a lingua portugueza.

Quanto à organização interna da gramática, ainda que sem remeter para obras concretas, o autor da *Grammatica Portugueza* (1882) traça uma panorâmica dos sistemas adotados em gramáticas coetâneas da sua.

Quadro 5. Partes de gramática: sistemas

Sistema 1	Sistema 2	Sistema 3
		(<i>auctores moderníssimos, e sem duvida mais filosoficamente inspirados, mais scientificamente dirigidos...</i>) Augusto Ep. da Silva Dias, Adolfo Coelho

continua

Sistema 1	Sistema 2	Sistema 3
<p>- <i>Orthologia</i> (maneira de bem falar)</p> <p>► lexicologia (o exame isolado de cada palavra)</p> <p>► syntaxe (o exame das leis por que têm de governar as palavras no seu conjuncto para exprimirem juízos e formarem proposições)</p> <p>- <i>Orthographia</i> (maneira de bem escrever)</p>	<p>Etymologia</p> <p>Syntaxe</p> <p>Prosodia ou orthoepia</p> <p>Orthographia</p>	<p>Augusto Ep. da Silva Dias:</p> <p>- <i>Fonologia (tratado dos sons) ou phonetica</i></p> <p>- <i>Morphologia</i>¹⁷ (<i>tratado das formas, - que estuda e classifica as diversas partes da oração, investiga as flexões ou accidentes das palavras, e procura na etymologia a formação e derivação das palavras</i>).</p> <p>- <i>Syntaxe (a parte em quês e estuda a maneira de combinar entre si as diversas palavras para a correcta expressão das idéas e cabal enunciação dos juizos)</i>.</p> <p>Adolfo Coelho (1881): fonologia, morfologia, syntaxe e semiologia.</p> <p>“Essa parte tem que determinar as leis geraes que preside á transformação da significação das palavras (Coelho, 1881).</p>

Apesar de o “sistema 2” ser frequente em obras didáticas, o autor opta pela “divisão estabelecida pelo sr. Epiphanio Dias” (sistema 3), vale dizer, uma estrutura tripartida – *Phonologia*, *Morphologia* e *Syntaxe* –, por se lhe afigurar como “a mais plausível” para a finalidade de uma gramática popular. A adoção desse modelo não se traduz, contudo, num maior equilíbrio da economia interna da gramática, uma vez que a syntaxe ocupa na obra apenas 3 das suas 64 páginas. É nesta matéria que mais se nota a distância entre a estrutura adotada e o ideário (incluindo neste a componente conceptual

17 Ao tratar da Morfologia, o autor refere-se também à “Etymologia”, a cujo propósito menciona a gramática de Soares Barbosa (1822).

e a terminológica). Dessa contradição é bom exemplo a classificação dos “complementos” (“objectivo, terminativo, restrictivo, circumstantial, continuado e de causa efficiente”), herdeira da teoria filosófica de Beauzée (cf. supracitada *Encyclopédie méthodique*) e habitualmente tratada no domínio da chamada “syntaxe de regência regular” (BARBOSA, 1822, p. 396-404). Conquanto o autor anuncie um especial desenvolvimento de certas matérias, o certo é que ele apenas afeta a morfologia, porque era preciso contemplar os pontos estipulados no programa do exame. Assim, a gramática da *Bibliotheca do Povo e das Escolas* afasta-se da obra de referência: a *Gramática Práctica* de S. Epifânio da Silva Dias. Embora adote o modelo de Epifânio¹⁸ (possivelmente a 3ª ed. da sua *Grammatica práctica*, 1880), o autor da *Grammatica Portuguesa* remete para a *Grammatica Philosophica* (Barbosa, 1822)¹⁹, cujos fundamentos não encaixavam nas concepções gramaticais do “positivismo linguístico”. Isto revela uma recepção híbrida, enxerto de terminologia nova em doutrina velha (“gramática geral”), à semelhança do que também fizeram Freire de Macedo (1810-1874) e Figueiredo Vieira²⁰ (1818-1849), autores de duas famosas gramáticas escolares.

O cotejo textual ilustra cabalmente a relação entre a *Grammatica* da Biblioteca do Povo e das Escolas e a obra de Epifânio da Silva Dias, se bem que a conexão entre ambas seja assistemática. Alguns exemplos do confronto entre os termos definidos nas partes da *Grammatica* da Biblioteca do Povo e das

18 Entre os vários autores que sintetizaram e replicaram a gramática de Epifânio da Silva Dias conta-se Carlos Claudino Dias (1844-1897), professor do Colégio Militar, cujos *Rudimentos de grammatica portugueza* (1884) foram, conforme declara no subtítulo da obra, “extraídos da Grammatica portugueza” daquele autor.

19 A mais famosa gramática filosófica em/da língua portuguesa saiu postumamente com a chancela da Academia Real das Ciências de Lisboa, da qual o autor era sócio. Teve várias edições em Portugal (COELHO; KEMMLER, 2017), influenciando também o ensino da gramática no Brasil (RANAURO, 2005). Sobre esta obra, entre outros estudos, vejam-se: Casteleiro (1980), Torres (1982), Cardoso (1986), Ranauro (2005), Coelho (2013).

20 Publicada em 1841, a sua gramática escolar – *Compendio elementar da grammatica da lingua portugueza* – teve muitas edições, o que indicia a grande recepção da obra.

Escolas e os expostos por Silva Dias mostram o grau de adesão daquela obra a esta, permitindo identificar, ao mesmo tempo, as dissemelhanças entre ambas.

Quadro 6. Cotejo da gramática de E. Silva Dias e a *Grammatica Portugueza* (1882)

A. Epifânio da Silva Dias ([1870] 1880) – <i>Grammatica práctica</i>	<i>Grammatica Portugueza</i> (1882) da Biblioteca do Povo e das Escolas
Os sons elementares da lingua portugueza	Os sons elementares
Ha monosyllabos que, em certos casos, se pronúncia subordinados ao acento tónico de uma palavra precedente, v.g. entregavão-se-nos. As palavras que se pronúncia d’este modo, chamão-se enclíticas.	(...) acontece (...) ás vezes, agremiarem-se dois monosyllabos, subordinados na pronúncia ao vocabulo que imediatamente os precede, como se realmente as três não tendessem a formar mais do que uma simples palavras (...). Enclíticas se chamam as palavras quando por esta fôrma se pronúnciam (Fixavam-se-me; prenderam-se-lhe; estreitam-se-lhes; alargam-se-nos);
As palavras, segundo a sua natureza e o modo como exprimem as ideias, dividem-se em classes, chamadas partes da oração ou partes do discurso.	(...) em relação á sua natureza e papel que desimpemham na linguagem, as palavras classificam-se em diversos grupos ou categorias a que se dá o nome de partes do discurso ou partes da oração.
Substantivos próprios – que dão a conhecer individualmente as pessoas e as cousas.	Substantivos propios dizem-se os que individualmente servem para nomear uma certa pessoa ou uma certa coisa.
Chamão-se pronomes pessoais os pronomes que designam as pessoas que representam no discurso.	Chamam-se pronomes pessoais os que indicam (...) as pessoas que gramaticalmente se consideram podendo figurar no discurso.

Afora as questões relacionadas com a teoria gramatical e a metodologia didática da obra, é de realçar o registo de certos aspetos da língua. Veja-se a nota sobre os chamados participios abundantes: o verbo aceitar tem duas formas – “aceitado” e “aceito” –, mas esclarece que

“Também se usa a fôrma aceite”, que em Portugal se sobrepôs a “aceito”, forma participial que no Brasil, por sua vez, prevalece até hoje. Neste ponto, a descrição do autor da *Grammatica Protugueza* (1882) coincide com a de Silva Dias²¹, muito embora nenhum dos dois aponte regras de uso das duas formas irregulares (“aceito” e “aceite”).

Para finalizar, e porque esta pequena gramática pretendia servir o povo de ambos os lados do Atlântico, sublinhe-se que esse objetivo não se traduz na explicitação de diferenças entre o Português Europeu e o Português Brasileiro, conquanto elas então fossem notórias e delas houvesse testemunhos diretos e indiretos, inclusive em gramáticas portuguesas elaboradas no princípio do século XIX, como se observa na do citado Soares Barbosa (1822, p. 51), onde se encontram exemplos quer da pronúncia brasileira, quer da colocação dos clíticos no Brasil. A aproximação ao público brasileiro passava, pois, pela ilustração dos conteúdos por meio de exemplos alusivos ao Brasil ou a realidades próprias desse território (léxico comum, topónimos, por exemplo); porém, são pouco abundantes.

Notas finais

As duas gramáticas publicadas em coleções de pendor divulgativo correspondem a uma dimensão mal conhecida e pouco estudada da Historiografia Linguística: a popularização da gramática ao serviço da instrução das classes desfavorecidas. Por esse viés, tanto a gramática da Biblioteca Popular como a da Bibliotheca do Povo e das Escolas revelam a importância de um estudo da gramática como instrumento integrado num programa social e institucional. Entre os aspetos ainda mal esclarecidos, valeria a pena estudar a gramática como objeto, meio e finalidade, isto é,

21 Numa observação, acrescenta Dias (1882, p. 67) que “Em logar de aceito aceita, diz-se tambem aceite”, denotando, portanto, que esta forma participial era mais recente na língua portuguesa do que as outras duas.

como produto quer das ideias e doutrinas metalinguísticas, quer do contexto, considerando, portanto, fatores de vária ordem (tipo de escola, nível escolar, público-alvo, programas de ensino, por exemplo), elementos que, obviamente, não são irrelevantes numa Historiografia holística (por assim dizer) da gramática portuguesa e, por extensão, do ensino do português. Por outro lado, obras como a gramática da Biblioteca do Povo e das Escolas trazem à tona a concorrência entre modelos de descrição gramatical, comprovando a coexistência desses modelos na mesma obra.

A publicação de gramáticas em coleções de propaganda educativa, a preços acessíveis, visando a instrução das massas e a democratização do acesso à cultura, constitui, sem dúvida, um marco na história da gramaticografia portuguesa, marco esse que, todavia, tem passado despercebido aos estudiosos da tradição gramatical do português, cuja atenção, ao privilegiar as obras emblemáticas das teorias gramaticais, desatendeu produtos como os dois opúsculos em apreço neste estudo.

Contudo, tal como as outras, essas gramáticas “menores”, ademais de refletirem a situação educativa do país, proporcionam elementos para a análise das continuidades e das rupturas na tradição gramatical, e bem assim para o conhecimento dos meios de difusão das novidades epistemológicas. Daqui se infere que a gramática, entendida como instrumento de explicitação/classificação das unidades da língua e sua organização, deve ser estudada do ponto de vista intra e extragramatical. No caso das gramáticas portuguesas publicadas em coleções populares, tanto ou mais do que o conteúdo (i.e. conceitos, taxonomia, terminologia e exemplificação), o que as singulariza é o contexto de produção e a sua função social. Embora os elementos aduzidos neste trabalho não esgotem a análise dos conteúdos das duas obras, ficou demonstrado que estas gramáticas, em virtude do ambiente sócio-cultural em que surgiram e das matérias nelas expostas, têm pertinência num estudo da disseminação do conhecimento gramatical e, por conseguinte, numa história social e institucional da gramática, capítulo até agora descuidado na Historiografia da Língua Portuguesa e para o qual se procurou aqui contribuir.

Referências bibliográficas

ANDRADE, A. P. de. **Philologia. Biblioteca do Povo e das Escolas**, nº 194. Lisboa: David Corazzi-Editor, 1891.

ARANHA, B. **Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brazil, continuados e ampliados por [...] em virtude de contrato celebrado com o governo portuguez XX** (13º do Supplemento). Lisboa: Imprensa Nacional, 1911.

BAPTISTA, A. M. **Lingua Portugueza. Biblioteca do Povo e das Escolas 162**. Lisboa: David Corazzi-Editor, 1888.

BARBOSA, J. S. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem**. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BEAUZÉE, Nicolas. Grammaire. In: DIDEROT, D. & D'ALEMBERT, J. Le R. (Eds.). **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonnée des sciences, des arts et des métiers VII**. Paris/Neuchâtel: Le Breton, 1765, p. 841-847.

BEAUZÉE, Nicolas. **Grammaire générale**. Paris: Barbou, 1767.

BONIFÁCIO, V. Um modelo para a Bibliotheca do Povo e das Escolas. In: ANDRADE, M. L.; CARRINGTON, M. C. (Coords.). **Do manuscrito ao livro impresso**. v. I. Coimbra / Aveiro: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Universidade de Aveiro, 2019, p. 313-339. Disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1711-4_9. Acesso em: 22 abril 2020.

BOTO, C. **A escola primária como rito de passagem: ler, escrever contar e se comportar**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0572-2>. Acesso em: 12 maio 2020.

CARDOSO, S. C. **A Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa: reflexos da Gramática Geral**. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Faculdade de Letras, 1986.

CARDOSO, S. (Comp. e Org.). **Historiografia gramatical (1500-1920)**. Série Línguas e Literaturas. Porto. Faculdade de Letras, 1994. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo7241.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2020.

CARVALHO, L. **O ensino do Português. Como tudo começou**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0235-6>. Acesso em: 3 abr. 2020.

CASTELEIRO, J. M. **Jerónimo Soares Barbosa: um gramático racionalista do século XVIII**. Boletim de Filologia, v. XXVI, 1980, p. 101-110.

CAVALIERE, R. **Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira**. Niterói: EDUFF, 2000.

CHERVEL, A. **Et il fallut apprendre á écrire à tous les petits français: Histoire de la grammaire scolaire**. Paris: Payot, 1977.

CHEVALIER, J.-Cl. **Histoire de la syntaxe. Naissance de la notion de complément dans la grammaire française (1530-1750)**. Paris: Honoré Champion, [1968]2006.

CHEVALIER, J.-Cl. Analyse grammaticale et analyse logique, esquisse de la naissance d'un dispositif scolaire. **Langue Française**, nº 41, 1979, p. 20-34.

COELHO, F. A. **A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868. Disponível em: <http://purl.pt/141>. Acesso em: 28 abr. 2020.

COELHO, F. A. **Sobre a necessidade da Introdução do Ensino da Glótica em Portugal**. Lisboa, 1870.

COELHO, F. A. Sobre a Lingua Portuguesa. In: VIEIRA, Fr. Domingos. **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua portugueza**, v. I. Porto: Em Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871, p. IX-CCCVI.

COELHO, S. C. G. **A Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza de Jerónimo Soares Barbosa**: Edição crítica, estudo e notas. Coleção Linguística 10. Vila Real: UTAD/Centro de Estudos em Letras, 2013. Disponível em: https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2018/05/CEL_Lingu%C3%ADstica_10.pdf. Acesso em: 27 abr. 2020.

COELHO, S.; KEMMLER, R. A Grammatica philosophica da lingua portugueza de Jerónimo Soares Barbosa e as suas edições. *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa* 53, 2017, p. 9-34. Disponível em: doi: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v2i53.208>. Acesso em: 12 maio 2020.

DIAS, C. Cl. Rudimentos da grammatica portugueza [...] extrahidos da Grammatica Portugueza de A. Ephifanio da Silva Dias. Lisboa: A. Ferreira Machado & C^a, 1884.

DIAS, A. E. da S. **Grammatica practica da lingua portugueza para uso dos alumnos do primeiro anno dos lyceus**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1870.

DIAS, A. E. da S. **Grammatica portugueza para uso das aulas de instrução primaria. Obra approvada pela Junta Consultiva de Instrução Publica** (3^a ed. revista). Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz—Editores, 1880.

DOMINGOS, M. D. **Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e leitores no séc. XIX**. Lisboa, 1985.

DUARTE, S.; PONCE DE LEÓN, R. (Orgs.). **A gramática racionalista na Península Ibérica (séculos XVI-XIX)**. Porto: Faculdade de Letras/CLUP, 2015.

ENCYCLOPÉDIE méthodique. Arts et métiers mécaniques, v. I. Paris/Liège: Panckoucke/Plomteux, 1782.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. A gramática luso-brasileira e o método científico. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 9, p. 27-42. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p27-42>. Acessado em 2 maio 2020.

GOMES, J. F. **Estudos para a História da Educação no Séc. XIX**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996.

GONÇALVES, M. F. Corpus des grammaires portugaises em Bernard Colombat. (Coord.). **H.E.L. – Histoire, Epistémologie, Langage**. Hors Série, nº 2 (Corpus représentatif des grammaires et des traditions linguistiques), t. 1. Paris: SHESL/Presses Universitaires de Université de Vincennes, 1998, p. 381-415.

GONÇALVES, M. F. Notas sobre o positivismo linguístico em Portugal no século XIX: ‘Sobre a Língua Portuguesa’ (1871), de F. Adolfo Coelho. **Diacrítica - Ciências da Linguagem**, v.18, 2004, p. 29-56.

GONÇALVES, M. F. Iluminismo e pensamento linguístico em Portugal: o exemplo das gramáticas filosóficas. **Actes del VII Congrès de Linguística General** (Barcelona. 18-21 d’abril de 2006). CDrom. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2006, 18pp.

GONÇALVES, M. F. Gramáticas do português na transição do século XIX para o século XX: a ‘gramática científica’. In: CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. (Eds.). **La lengua lugar de encuentro**. Actas del XVI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística e Filología de América Latina. Alcalá de Henares: Servicios de Publicaciones, 2012. p. 2570-2580. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/alfal2011/index.html#/pdf/290alfal.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

GONÇALVES, M. F. Sobre a projecção do método histórico-comparativo na gramática elementar portuguesa: a Grammatica Portugueza Elementar, fundada sobre o methodo historico-comparativo (1876). In: CASANOVA HERRERO, E.; CALVO RIGUAL, C. (Eds.). **Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas** (Valencia 2010), v. VII. Berlin/ Boston: Walter de Gruyter, 2013, p.561-571.

GRAMMATICA portugueza. Bibliotheca Popular. Lisboa: Editores-Proprietarios Lallemand Frères & Companhia, 1871.

GRAMMATICA portugueza redigida ante o programma oficial dos exames d’instrucção primaria nos Lyceus Nacionaes. Bibliotheca do Povo e das Escolas, Segundo Anno – Quinta Serie, nº 40. Lisboa/Rio de Janeiro: David Corazzi-Editor. 1882.

LAUWERS, P. *La description du français entre la tradition grammaticale et la modernité linguistique. Étude historiographique et épistémologique de la grammaire française entre 1907 et 1948*. Leuven/Paris/Dudley: Peeters, 2004.

LAUWERS, P. L’analyse de la proposition dans la grammaire française traditionnelle: une syntaxe à double directionnalité ?. In: SÉRIOT, P.; SAMAIN, D. (Eds.). *La Structure de la proposition: histoire d’un métalangage*. Lausanne: Université de Lausanne, 2008, p. 117-136. Disponível em: doi 10.3406/igram.2003.2617. Acesso em: 26 maio 2020.

LOBATO, A. J. dos R. **Arte da grammatica da lingua portugueza**. Lisboa: Na Regia Officina Typographica, 1770. Disponível em: <http://purl.pt/196>. Acesso em: 12 abr. 2020.

MACEDO, J. F. de. **Compendio de grammatica portugueza, colligido e coordenado para os alumnos da instrucção secundaria** (2^a ed. mais correcta). Lisboa: Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1865.

MATOS, A. C. de. Os agentes e meios de divulgação científica e tecnológica em Portugal no século XIX. **Scripta Nova**, v. 69. 2000. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-29.htm>. Acesso em: 4 mar. 2020.

NABO, O. de J. de B. Mourato. **Educação e difusão da ciência em Portugal A ‘Bibliotheca do Povo e das Escolas’ no Contexto das Edições Populares do Século XIX**. (Dissertação de Mestrado). Portalegre: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8402/1/OI%C3%ADmpia%20de%20Jesus%20de%20Bastos%20Mourato%20Nabo.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

NUNES, M. de F. 2001. A Bibliotheca do Povo e das Escolas: Fonte para a História da Ciência. In: ÁLVAREZ LIRES, M.; BUGALLO RODRÍGUEZ, Á.; FERNÁNDEZ, J. M.; SISTO EDREIRA, R.; VALLE PÉREZ, X. C. (Coords.). **Estudios de Historia das Ciencias e das Técnicas**, v. I. Vigo: Deputación Provincial. Servicio de Publicacións, p. 221-231.

RANAURO, H. Jerônimo Soares Barbosa: sua contribuição ao estudo e ao ensino do português no Brasil. In: GONÇALVES, M.; SILVA, A. S. da; COUTINHO, J.; MARTINS, J. C. de O. (Coords.). **Gramática e Humanismo: Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres**, v. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2005, p. 579-589.

SANTOS, M. H. P. **As ideias linguísticas portuguesas na centúria de oitocentos**. 2 vols. Série Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.

SANTOS, M. de L. L. dos. *A elite intelectual e a difusão do livro nos meados do século XIX*. **Análise Social**, v. XXVII (nº116-117), 1992, p. 539-546

SCHÄFER-PRIESS, B. **A gramaticografia portuguesa até 1822. Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa**. Col. Linguística, 14. Vila Real: UTAD/CEL, 2019. Disponível em: https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2019/02/CEL_Lingui%CC%81stica_14.pdf. Acesso em: 4 de abr. 2020.

SÉGUIN, J.-P. **L'invention de la phrase au XVIII^e siècle**. Louvain/Paris: Peeters, 1993.

SOUSA, M. D. **Grammatica portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres grammaticos conhecidos, assim nacionaes como estrangeiros**. Coimbra: Real Imprensa da Universidad. 1804. Disponível em: <http://purl.pt/17363>. Acesso em: 2 abr. 2020.

SWIGGERS, P. **Histoire de la pensée linguistique, Analyse du langage et**

réflexion linguistique dans la culture occidentale de l'Antiquité au XIX^e siècle. Paris: PUF, 1997.

TORRES, A. Gramaticalismo e especulação: a propósito da Grammatica Philosophica de Jerónimo Soares Barbosa. **Revista Portuguesa de Filosofia**, v. 38(4), 1982, p. 519-542.

VALENTE, V. P. **O estado liberal e o ensino. Os Liceus portugueses (1834-1930).** Col. Cadernos do GIS 5. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1973.

VASCONCELOS, J. L. de. **A Filologia Portuguesa** (A propósito da Reforma do Curso Superior de Letras de Lisboa). Lisboa: Livraria Bertrand, 1888.

VENÂNCIO, G. M. Lisboa-Rio de Janeiro-Fortaleza: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas, traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues. **Cultura**, v. 21, 2005, p. 185-204. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/3221>. Acesso em: 30 mar. 2020.

VIEIRA, C. A. de F. V. **Compendio elementar da grammatica da lingua portugueza [...] adoptado, para uso das Escolas, pelo Conselho Superior de Instrução Publica** (9^a ed.). Porto: Na Typographia de Sebastião José Pereira, [1844]1858.